

# O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18  
TELF. 631-N. LISBOA

## *ilustrado*

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA  
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS &amp; ACTUALIDADES GRAFICAS ~ TEATROS, SPORTS &amp; AVENTURAS ~ CONSULTORIOS &amp; UTILIDADES.



### A hora suprema de Camilo

(Reconstituição rigorosamente fiel, baseada em todos os documentos históricos).

Camilo, o genial escriptor, o estranho protagonista da tragedia de S. Miguel de Seide, esgotadas as ultimas forças e as ultimas esperanças, ergue lentamente o cano do revolver que o vae matar... Mais uns minutos, e não pulsará já o grande coração, que sofreu e viveu, tragicamente, o "Amor de Perdição"...



## Má Língua

## NOTA A' MARGEM...

Nesta náu já sem léme nem traquete  
é letra morta a glorificação.  
Os «tubarões» que abancam no buffê  
das vezes com a canna de um foguete  
procuram fazer bolas de sabão...

Num bisonho batuque funerario  
capaz de exasperar o mais tranquillo,  
como quem leva a cruz para o calvario  
dobrou o seu primeiro centenario  
a sombra gigantesca de Camillo.

Com que ancia zurziria taes descôcos  
o seu genio que ergueu tantos prodigios!  
Se hoje voltasse a esta mansão de loucos,  
que amolgar de cartólas e de «côcos»,  
e de barreles... mais ou menos phrygios!

Se Elle voltasse á terra, e se visse isto,  
toda esta pepineira sem exemplo,  
todo este despauterio nunca visto,  
molhava a penna, e, como Jesus Christo,  
escorraçava os vendilhões do templo.

Eu bem sei que houve honrosas excepções,  
—grammas de bronze em kilos de sucata—  
Mas á parte essas raras devoções,  
um grande refoiçar de figurões  
solemnizou esta solemne data.

Vimos a lápide ir parar de um salto,  
—talvez porque do Carmo se enfadasse...—  
a uma lugubre casa cõr de asphalto  
que foi cedida em pleno bairro alto  
e por milagre não pediu trespassse.

Vimos no Saharásinho da Rotunda  
uma pedra enterrada em sitio raso.  
Mais uma estatua em terra que se funda,  
e que ha-de ter uma expressão profunda  
nos «narizes de cêra» a que deu azo...

Vimos, em vez de um hymno retumbante,  
um fadinho talvez em tom de dô...  
Dizem que é um trabalho interessante;  
só sei que tenho um medo horripilante  
de ainda ir ver Camillo ao Trólarô!

E vimos varias obras linguareiras  
(as boas excepções já estão previstas)  
com capas sugestivas e fagueiras,  
surgir como outras tantas rautoeiras  
armadas ao furor dos Camillistas...

Por mim, revendo o que foi visto e ouvido,  
nesta arvore á mercê de quadrumanos,  
lamento...

—ter ha um século nascido  
quem tal chicote já teria erguido  
se pudesse viver mais de cem annos!

## TAÇO

## DISTANCIAS



—É impossível, com os gorilhas, chegar-se a alcance  
de tiro...  
—Todavia diz-se que o macaco é o animal que mais  
se aproxima do homem...

questão  
prévia

EM dois meses e meio, duas celebrações de centenários de varões ilustres, que, em distintos campos da actividade e medindo entre si alguns seculos de distancia, proporcionaram aos contemporaneos o orgulhoso prazer de lhes evocar as façanhas e o talento.

E' evidente que me refiro ás comemorações do quarto centenario da morte de Vasco da Gama e do primeiro centenario do nascimento de Camillo Castello Branco.

Infelizmente, nem uma nem outra celebração de tão assinalados dotes constituiu aquela lição e proveitoso exemplo que devem proporcionar-nos estas especies de canonização leve, que se destinam especialmente — creio eu — a consolidar a religião da Patria pelo culto dos seus heróis e dos seus genios. Em verdade vos digo que, perante a pobreza franciscana destes dois centenários, não ha quem, sentindo-se com vocação para homem ilustre, não renuncie á gloria, que é tão mal apreciada pela posteridade e eu prprio, á cautela, aqui declaro que dispensei os vindouros de me celebrarem a memoria em qualquer especie de centenario, caso estas crônicas do «Domingo Ilustrado» me venham a criar uma representação solida de genio, ainda que de trazer por casa.

Não se nos pode levar a mal que nós sintamos mais intensamente a passagem do centenario do nascimento de Camillo do que o da morte do navegador do Mar das Indias. Este, o heroi, ha seculos que está arrumado na respectiva prateleira da Historia. A sua gloria já não é discutível e a sua consagração é definitiva. Mas o outro, o escritor, ainda ha trinta e tal annos vivia, sofria e escrevia e está portanto ligado á vida mental contemporânea. A celebração do seu primeiro centenario deveria ser ensejo, por consequencia, para uma verdadeira consulta á opinião desta posteridade, que nem por ser muito recente relativamente ao escritor, deixa de ser capaz de pronunciar-se já dum modo geral sobre o valor da sua obra.

Para se conseguir esta primeira «etapa» do juizo definitivo que ha-de fixar-se sobre o valor e influencia literaria da pena de Camillo, a primeira realisação fecunda seria a publicação integral da sua obra, numa edição especial do centenario, a preços acessiveis, comentada e documentada pelos mais aptos admiradores do escritor e largamente espalhada por todos os recantos do mundo em que se fala português. Vinda a lume com alguns meses de antecedencia, esta edição da obra camilliana teria a van-

tagem de despertar as admirações adormecidas entre os que o levam na mocidade distante e de grangear novos e entusiasticos admiradores entre as gerações novas, que só conhecem Camillo dos trechos selectos das leituras escolares. Desta propaganda necessaria e justa resultaria, estou certo, uma mais larga comunhão de espiritos na consagração quasi particular e regional que constituiu o seu centenario, dando-lhe uma larga participação da nacionalidade.

A esta iniciativa, da edição do centenario, que eu sei ter sido tentado, se opuzeram dois fortes obstaculos: o ser Camillo hoje para os livres um riquissimo artigo de negocio, que convem fazer rarear para o encarecer e o terem-se os devotos do escritor, constituídos em confraria, entregue mais á indagação das intimidades sentimentais do seu orago que ao estudo critico da obra que ele deixou.

Fomos para o primeiro centenario de Camillo apertados entre estas duas restrições: o Porto, reclamando para si a gloria de Camillo, por o ter o escritor escolhido para teatro das suas façanhas de bohemio e da acção d'algumas das suas novelas e os camilianistas, proclamando no seu estandarte o dogma do «O Maior de todos», sem consentirem que alguém approxime, sequer, da obra do romancista a ponta dum lapis que possa traçar um comentario, mesmo propiciador da sua gloria.

Aqueles que ainda não tiveram tempo ou ensejo de ler Camillo continuarão a ignorar, mesmo depois do centenario, a plasticidade do seu talento, a riqueza expressiva do seu vocabulario o extraordinario poder evocativo das suas paginas emocionais, mas em compensação hão de ficar bem edificados no que respecta ás dificuldades de dinheiro que o escritor atravessou, ao numero de divisões e ao cheiro da casa em que ele nasceu, á cõr das suas piugas, ás expressões intimas que dirigia a D. Ana Placido, aos seus dissabores, aos seus prazeres e até a certas atitudes sociais, e familiares, que pela sua irregularidade podem alhear algumas simpatias da memoria de Camillo.

Tudo isto e muito mais vem documentado e comentado em livros e folhetos numerosos, que o centenario camilliano trouxe a lume, numa extranha demonstração de quanto aos devotos de Camillo interessa mais a desgraça, que o perseguiu em vida, que o talento, com que ele venceu a Morte.

FELICIANO SANTOS

## por todo o mundo

Conselho da Sociedade das Nações esteve reunido e doutamente de liberou sobre casos graves na pitoresca cidade de Genève. E' realmente aconselhavel escolher-se um ambiente pitoresco quando se trata dos trabalhos de tão solemne agremiação cujo destino é erguer o definitivo templo da paz; mas ao terminarem as doudas deliberações o que mais se fixou no espirito de todos é que nunca tanto se temeu o regresso dum estado de guerra, como neste momento da civilização.

...E enquanto o Sr. Chamberlain, em nome da Inglaterra, muito fria e calmamente defendia um ponto de vista, o Sr. Briand, em nome da França, muito ardente e animadamente defendia um ponto de vista totalmente diverso.

E são principalmente estas duas potencias aquelas a quem incumbem estabelecer a boa harmonia e a boa vontade no meio dos homens.

Entre as graves questões ameaçadoras de discordia que a habilidade dos politicos soube espalhar no mapa europeu, nessa ultima conferencia surgiu como sendo uma das mais iminentes a questão da Polonia.

Ultimamente a Alemanha mostrava desejos de entrar na Sociedade das Nações, até mesmo de entrar num bom «pacto de garantia» com as potencias ocidentaes; mas palavras e gestos imprudentes, ou antes palavras e gestos que de todo não se puderam occultar, dão direito a que se creia ter tudo sido só mais ou menos manobra para mais livremente se mexer no oriente, na Alta Silezia, e contra a Polonia...

A ponto de querer subordinar a sua entrada para a Sociedade das Nações á condição de não correr o risco de ver o seu territorio atravessado por quaesquer socorros militares, que as potencias ocidentaes (leia-se: a França) se lembrassem de enviar á Polonia, no caso de vir esta a ser atacada pela Russia bolchevista.

Porque tudo leva a crer que a Republica imperial ainda vê a Republica sovietica simplesmente como, destinada a servir-lhe de instrumento para o grande golpe...

De todas estas perturbantes ameaças belicas um facto, porem, nos pode consolar... Nesta precisa ocasião o presidente Coolidge dos Estados Unidos Norte Americanos resol-

## ecos

AS nossas reconstituições graficas leem produzido em algumas pessoas, comentarios que não correspondem a um conhecimento perfeito e justo das nossas intenções. A pagina que dedicamos á miseria de Lisboa, é absolutamente verdadeira, e longe de ser uma mi propaganda da capital tem o fim de chamar a atenção das autoridades para a correcção de aspectos degradantes que se repetem com a cumplicidade de muitos silencias.

DIA a dia o impudor das relações sociais e da falta de escrupulos no cumprimento dos mutuos compromissos aumenta.

Assinantes deste jornal, ou antes individuos que receberam nove exemplares sem devolução de um unico, acham-se no direito de negarem o pagamento dos recibos que pelo correio vão á respectiva cobrança.

Nem sacrificios, nem trabalho alheio lhes merece a minima consideração. E, o mais curioso é que alguns nomes dessa «lista negra» são riquissimos milionarios, mais, ou menos de contrabando, é certo — mas cujos escudos pouco limpos que sejam — deviam pagar as suas vidas.

VÃO ter uma casa os vendedores de jornais.

Será difficil habituar-lhes a essa ideia — aliás linda. Os nossos garotos dos jornais dividem-se em varias categorias inconfundiveis. «Os ovariños», que saem de manhã e só pegam no «Seculo» e «Noticias», os ardinas que são aos exames e fazem de preferencia as vendas da tarde e da noite, e os adventicios, ou «canários» que é todo o garoto que não tem emprego e arranja alguma corôa de capital para poder pagar uns jornais.

Ha pois que distinguir os verdadeiros profissionais de venda, e a aluvião de petizes que nascem já com dois jornais debaixo do braço.

AO eminente jornalista sr. Bento Carqueja se deve muito do brilhantismo do centenario de Camillo no Porto. E' gratissimo registar a mocidade de espirito, a vivacidade, a activa e fecunda energia deste grande trabalhador, que não cança nem envelhece — Graças a Deus!

veu provocar uma conferencia conducente ao desarmamento dos povos, estando já decidido o envio das respectivas notas diplomaticas aos governos de Paris, Roma, Londres e Tokio.

E o mais interessante é que S. Ex.ª diz achar o momento altamente oportuno, visto a «fidelencia» dos technicos juristas e militares da Sociedade das Nações.

Isto é: por não terem chegado os homens a acôrdo em Genève na realisação duma obra de paz, devem chegar a esse acôrdo em Washington...

Assim seja!

Mas o peor é que surgem sempre descrentes...

E esses dizem que a conferencia, a realizar-se sob a benção «yankee», só poderá ter por fim ver se os Estados Unidos e a Inglaterra chegam finalmente a um acôrdo quanto á divisão dos oceanos... entre ambas.

A. ROCHA PEIXOTO  
CONHECIMENTO



—V. Ex.ª já conhece minha mulher?  
—Não tenho esse prazer...  
—Prazer?... Ah, bem se vê que não a conhece...





«NAMORADOS»—Versos de Virginia Victorino—9.ª edição—Lisboa, 1925.

Virginia Victorino publicou uma nova edição dos seus primeiros e gloriosos versos, daqueles que tem sido, afinal, *Namorados* por todos os que falam o português de Aquém e de Além Mar. Trazem agora uma capa felicíssima, idílica, toda pombas e azul, toda inocente e clara como a bandeira de Amor que eles defendem.

Os *Namorados* são das nossas raras obras contemporâneas que já tem sido objecto de alguma autorizada atenção crítica. Pertencem à estirpe dos grandes livros fidalgos — dos que tem irrefutáveis pergaminhos de nobreza, e formam, lado a lado, com muitos livros capitais de toda a nossa Literatura.

Sendo a história do lirismo português um infinito rosário de amor, os *Namorados* serão uma daquelas contas maiores e bem evidentes no meio da multidão das outras, uma daquelas contas-marcas miliares, que chamam orações mais fervorosas e acordam mais crença na voz cansada de quem reza.

Sentindo que seria ridícula, por extemporânea qualquer referencia critica aos *Namorados*, gostei, não obstante, que a insigne poetisa, oferecendo ao *Domingo Ilustrado* um exemplar da edição nova, me oferecesse o pretexto para expor uma opinião que vai envolta num pedido:

—Peço a Virginia Victorino que, apesar de tudo, continue a acreditar na sinceridade de todos os que louvaram entusiasticamente as suas obras e que, podendo falar bem alto, do alto das suas colunas de jornal, só por comodismo ou condescendência não se lembraram ainda de severamente castigar a impertinência de quem julga substituir a Poesia, pondo-a à venda sobre colchas ricas, sob umas faixas de papel muito pobrezinhas de graça e muito ricas de impudor.

Não ha quem fustigue o espirito de cabotismo que vai aumentando com a impunidade?

Não ha quem, expontaneamente, grite respeito e faça espaço em torno dos nomes de Virginia Victorino e de Fernanda de Castro, Maria de Carvalho, de Branca de Gonta, de mais duas ou três poetisas em tudo dignas de tão honroso titulo...? Não ha quem defenda a Poesia, deusa immaculada que elas adoram e em nada se confunde com quaisquer outras divindades pagãs que escolham para morada essas brochuras de equívoco aspecto?

Como aqueles morgados da provincia que alegam alguns romances de Camilo e varriam as feiras com o varapau, tambem agora, nesta feira das Letras, alguém deveria correr com a pena os vendilhões menos honestos, os que reclamam a «americana» os seus productos avariados.

Tereza LEITÃO DE BARROS  
NO BARBEIRO



—V. Ex.ª necessita lavar a cabeça...  
—Tambem V. precisa lavar as mãos e eu ainda lhe não disse nada...



## DA ARTE DE FAZER RIR

**E**U sei que aqueles que se presumem de espiritos superiores, aqueles que tem a monomania de sizo alevantado e intelligencia para muito alem das esferas comuns, tem pela gargalhada o mais sordido desdem e a mais completa intolerancia que é dado supôr. Entendem essas alminhas de eleição que só a dor é positiva, como disse Antero do Quental e que as lagrimas são a melhor maneira de uma sensibilidade requintada, attingir os espasmos doidos duma emotividade deslumbrante de beleza e arte.

Para esses espiritos divinos, para essas sentinelhas fulgurantes de supremo entendimento, rir é um verbo que devia ser banido da lingua das gentes, uma contração nervosa que os medicos nevropatas deveriam tratar com cautela não fosse o mal propagar-se e ficassem os alienados malucos de todo. E no entanto, afrontando o desdem maximo do pessoal superior eu tenho pela arte de fazer rir um grande carinho, uma grande amizade, o supremo dos afectos.

Quem vive bem ri melhor, a chora-deira é boa para os que não tem mais que fazer, para os incapazes de fazer mais nada.

Rir é bom, desde o riso alvar e bestial que alarga aos ingenuos a bôca até ás orelhas enternecendo-lhe as bochechas, até áquele riso agudo de donzela historica que vára os ouvidos mais macios e põe arrepios nervosos na espinha do mais acalmado.

Mas, desde que o mundo é mundo, o riso andou sempre pelas ruas da amargura. Os grandes tragicos vivem pelo tempo fóra na tradição das almas piegas que os evocam em extazes de adoração, religiosamente, quasi devotamente. Enquanto que dos comicos, ninguem se lembra apóz o estalar da gargalhada. Pelo campo das letras, erguem-se padrões sagrados aos que

destrubuiram lagrimas em fasciculos de tostão, suspiros de vaidades em sonetos meditadosissimos, rozarios de palavras chorosas em volumes de duzentas paginas. E nem um só dos que fizeram rir os homens, tem no cinerario das recordações uma lampada acesa! Porque? Porque demonio os que fazem rir são lançados a um olvidio tremendo e todos os que esprem as glandulas lacrimais são tidos como gente de barro diferente!?



A admiração constante pelo auctor da *Dama das Camélias*, essa cebôla que entra em todas as meninas ahi por volta dos vinte anos, e o ar de superior desdem com que se diz:—Ah! sim! talvez Paulo de Koch!

Como se a obra do segundo, sem atavios de literatura, sem levantamentos de filosofias puras, sem intenções ultra-artisticas, não dê muito mais alegria de viver do que a historia de uma fregona que entesica e morre com a monomania das flores sem cheiro! Mas são assim os mentores do entendimento humano! Numa comedia em trez actos, que quasi faz rebentar de riso uma multidão, que a deixa satisfeita consigo e com os outros, que obriga a esquecer as amarguras e dá durante trez horas a impressão de que este mundo é o melhor dos mundos, é uma patetice, uma coisa inferior, um detalhe grosseiro. Num alternadissimo drama, com crimes de adulterio e pistolões vingativos, com amores incestuosos e mais materia para muitos anos de degredo, é uma obra de arte, um monumento que as multidões devem contemplar para comprehendem os sagrados hynos da arte suprema!

Amigos histriões, comicos, charlots, bufos, piadistas, bôbos e tu tambem que largas a piada do Sol a tempo e a horas, venham todos para a minha beira! Deixem lá passar as lagrimas e não se importem que os outros lhe



## AS AGUADELAS DE HELENA ROQUE GAMEIRO NO PORTO

A notavel pintora Helena Roque Gameiro, filha do eminente mestre da aguarela portuguesa que é Roque Gameiro partiu para o Porto ha dias e inaugurou na sexta feira, com o maior exito a exhibição das suas aguarelas na capital do Norte. Expositora dos museus de Madrid, Lisboa e Rio de Janeiro—foi por sinal a unica pintora contemporânea portuguesa que neles se encontra representada.

Helena Roque Gameiro é uma consagrada. O Porto comprehendem que tinha como sua hospede um dos mais gloriosos nomes de arte portuguesa e tem feito, como era de esperar á pintora, illustre o melhor acolhimento.

## CINEMAS

### OS FILMS DA SEMANA

Breve resenha livre de pressões ou compromissos como é norma deste jornal.

**MONNA VANNA** — Foi um dos acontecimentos da semana esta boa adaptação da celebre tragedia de Mäeterlinck. Apesar da dificuldade que os artistas alemães tem em incarnar o garbo dos florentinos da epoca, Monna Vanna é um esplendido film digno do nome de super-produção. Paulo Wegner, é o grande artista do film onde Lee Parry põe uma nota delicada de formosura. Grande aparato e propriedade, grande beleza scenica prejudicada por legendas côxas e má montagem delas.

**VELHO NINHO** — Outro maravilhoso film. Reginald Barker, conseguiu nele, o milagre de obter uma grande super-produção sem intervenção de massas de figurantes nem de sumptuosas reconstruções historicas. É um drama tranquilo cheio de sentimento e emoção e representado por uma forma assombrosa, por alguns grandes artistas que anecemos por ver novamente no écran.

**CORREIO DE LYON** — Um film em séries sofrível que não adianta nem atraza para a fama do celebre «Caso Lasurques».

**JUIZ PRODIGO** — Um bom film americano quanto á apresentação cinegrafica e a Warren Kerrigan.

**RICARDO MILIONARIO** — Como todas as produções de Richard Talmadge é um belo film sportivo.

### ÉCRAN

tirem o chapéu! Ao menos nós não arranjamos anemias a ninguem! Já mais um homem pensará no suicidio por nos ouvir!

Ninguem nos *liga nenhuma*?! Paciencia! O sono que ganhamos é bem ganho! O pão que comemos é á custa da alegria alheia! Vinde todos para aqui e deixem passar os *grandes*! Com uma gargalhada a tempo, ficam mais mirrados que uma castanha pilada!

### FRASE FEITA



—Cale-se, homem!... As grandes dores são mudas!...





II

## CORREDORES DE NOBREZA EM INGLATERRA. CORREDORES MODERNOS

(Continuação do n.º 9)



Verdade seja que para alcançar semelhante perfeição ajudam a natureza. Desde os sete anos, os músculos são alongados e esfregados com óleo de sisame.

Os bascos preparavam-se creteriosamente desde tenra idade. Rabelais afirma que os corredores bascos já eram utilizados no tempo de Francisco I.

Os nomes de basco e lacaio eram então sinónimos; as funções de lacaio consistiam em correr por conta do seu amo.

Os burgueses que pretendiam ter o aspecto de nobres, procuravam imediatamente possuir um basco para seu serviço.

Em Inglaterra, paiz aristocrático por excelência, os corredores a pé tiveram grande nomeada. As qualidades exigidas para esta profissão eram em primeiro lugar a souplesse e a agilidade, mas era necessário também uma constituição robusta.

Os corredores tinham muitas precauções, á semelhança do que se passa hoje com os jockeys; tinham uma vida muito regrada e seguiam um regimen severo.

Em marcha, traziam sempre um bastão com 1 m. 80 de comprimento, terminando por uma esfera de metal, em geral, prata. Esta massa, servia simultaneamente para levar as provisões de boca, ovos crus e um pouco de vinho.

O caduceu dos corredores da nobreza inglesa foi sem duvida a origem das bengalas com castão de prata que ainda hoje, os servos trazem nas casas de alta estirpe.

Um bom corredor, devia vencer, caso fosse preciso, 7 milhas (11.263 m.) á hora; no entanto este valor nunca era atingido, para não o inutilizar rapidamente.

Na Austria, observavam-se os mesmos costumes. No entanto, a carreira dos corredores era muito curta, visto que lhes exigiam, longas, faticantes e amudadas marchas.

Os corredores de profissão tinham como distintivo, flores e falsos brilhantes. Todos apreciavam os bordados, penduricalhos, franjas d'ouro e de prata, campainhas e berloques, que dispunham com arte nos seus vestidos.

A corrida fazia lembrar qualquer coisa de feérico, de gracioso; assemelhava-se a um sylpho a uma borboleta, envoaçando entre flores.

Em Espanha, uma outra modalidade do corredor, era o «zagal», especie de trintanario que acompanhava as diligências, para apressar as mudas, guardar o material e vencer todas as dificuldades imprevistas. O zagal era um diabrete pintado de azul, branco, alaranjado e vermelho, coberto de seda e de veludo, com caprichosos arabescos traçados no peito e nas costas.

Os corredores da alta nobreza na Alemanha e na Inglaterra, usavam fatos semelhantes. Na Escocia, nos fins do século XVIII, desconheciam-se ainda as viaturas a 4 rodas.

Para viajar, utilizavam-se «cadeirinhas» a duas rodas, cuja caixa descia entre os varões. Estas eram tiradas por 4 ou 6 cavalos. No entanto a sua estabilidade era muito duvidosa, em especial atendendo ao estado deplorável das estradas naquela época. Recorria-se então ao serviço de «footmen», que se utilizavam igualmente como correios. Nos arredores dos grandes domínios feudais da Escocia, é vulgar referirem-se a performances notáveis destes corredores.

Assim o conde de Home, residindo em Home-Castle (condado de Berwick) e tendo uma tarde uma comissão importante, encarregou um dos seus corredores de a executar. No dia seguinte, ao entrar de manhã no escriptorio ficou admirado de ver o seu lacaio, dormindo tranquilamente n'um banco.

(Continua)

CORRÊA LEAL



## CAMPEONATO DE LISBOA



O Sporting Club de Portugal foi o primeiro onze a entrar na casa das dezenas. Pela sua vitória difícil mas racional sobre os setubalenses, «os leões» conseguiram onze pontos no campeonato da I divisão.

Como o Bemfica e os Belenenses no maximo das suas hipoteses favoráveis não podem reunir mais que dez pontos, estão, ipso facto, impossibilitados de obter a 1.ª classificação na I divisão.

A lucta resume-se pois ao Sporting e Casa Pia, com nitidas e valiosas vantagens para o primeiro citado.

Os Casapianos, que possuem nove pontos, necessitam derrotar o Bemfica para alcançarem o seu competidor, mas o seu difícil triunfo exige ainda que os «leões» sejam vencidos pelos vermelhos. Nesta hipotese, os dois clubs estariam em igualdade de pontos e um match de desempate tornar-se-hia necessário para qualificar o campeão da I divisão.

Os resultados favoráveis e necessários ao Casa-Pia estão dentro do possível, mas constituem na verdade um conjunto de hipoteses muito original.

Esta tarde, no campo do Restelo realisa-se o ante-penultimo encontro da época, defrontando-se Bemfica e Casa-Pia.

Ainda que victoriosos na 1.ª volta, os casapianos não indicaram nitida superioridade sobre o seu antagonista, e o resultado inverso seria igualmente bem aceite.

Da igualdade das forças em litigio, resulta um encontro emocionante e a rivalidade entre os dois clubs, sofre hoje mais uma rude prova.

O campo do Restelo não tem sido propicio em bons resultados para o seu proprietario. Nesta ordem de ideias, um triunfo do Bemfica, ainda que muito restricto, é de boa logica admitir.

## A QUEDA DE RAUL NUNES

O Congresso da União Portuguesa de Foot-ball, que em longas e estereis sessões se veem arrastando ha um mez, teve a domina-lo dois factos primordiales: o caso Raul Nunes e a marcação de local para o IV Portugal-Hespanha.

Nesta ordem de ideias, as votações dos congressistas foram uma persistente medição de forças, em que finalmente o bloco do sul foi derrotado.

Pelos estatutos da União, que é tudo quanto ha de mais caotico, nenhuma Associação Regional pode ter mais de trez representes; cada serie de cinco clubs inscritos nos campeonatos regionaes, dando direito a um delegado.

Em virtude deste principio absolutamente coercivo e disparatado, Lisboa e Porto, regiões onde o foot-ball tem uma enorme preponderancia possuem

## GENTIL DOS SANTOS



Dotado de qualidades atleticas pouco vulgares, o conhecido «sprinter» do Internacional, tem conseguido com relativa facilidade, triumphar ha trez anos seguidos, nos campeonatos nacionaes de atletismo, nas provas de 100, 200 e 400 metros, estabelecendo um record sem precedentes.

Gentil foi o primeiro portuguez que percorreu os 100 metros em menos de onze segundos, tendo no seu activo tempos excellentes, como 10 s. 9/10 e 10 s. 4/5.

Num paiz de grande desenvolvimento sportivo, com pistas apropriadas e technicos abalizados, Gentil atingiria certamente uma forma, que lhe permitira assinalados triumphos e performances de renome mundial.

tantos representantes como Aveiro, ou Coimbra.

É pois, numa assembleia constituida sob estas bases verdadeiramente piramidais, que assuntos preponderantes e fundamentaes para o foot-ball nacional tem sido discutidos e votados.

De resto, é justo confessa-lo, as Associações não foram sempre felizes na escolha dos seus delegados.

O foot-ball, cuja expansão é enorme, não tem necessidade de ser regido por illustres desconhecidos. O nosso publico ainda se impressiona profundamente pela passado sportivo dos seus dirigentes e adota mesmo a norma de considerar «intruso», todo aquele, que se apresenta como candidato a direcções, mas que nunca soube salientar-se num campo atletico.

O nosso paiz é fertil em contradicções. E assim, como têm sido ministros individuos que nunca desempenharam funções de caracter administrativo, igualmente na grande familia sportiva, apparecem á luz da ribalta, verdadeiras incognitas.

O caso ainda teria explicação, se o cerebro estivesse divorciado do musculo: ora entre os já não praticantes, ha dezenas de individuos de intellecto elevado, aptos a desempenhar funções administrativas.

É de boa logica admitir, que o jogador de hontem seja mais digno de fi-

gurar numa direcção de hoje, do que qualquer adventicio.

Raul Nunes, antigo e prestimoso director da Associação de Lisboa e da União de Foot-ball, viu-se obrigado a declinar a sua re-eleição, para os novos corpos gerentes da União.

Verdadeiro paladino da causa e a quem o foot-ball deve imenso, Raul Nunes pela sua attitude ambigua como secretario-tesoureiro da Direcção transacta, caiu mal. O atraso inexplicavel na apresentação de contas e a forma ratona, como estas foram sujeitas ao criterio da assembleia, deram aso aos mais extraordinarios comentarios, em que a honra do conhecido dirigente, sofreu por vezes, rudes ataques.

Deste embate de paixões, resultou a attitude energica dos representantes da Associação de Lisboa, abandonando a sala, quando após um empate na votação, Raul Nunes foi reeleito por 2 votos de maioria, nova victoria do bloco do norte.

Tendo o congresso, na sua 1.ª reunião resolvido que a nova Direcção syndicasse os actos da gerencia transacta, fazendo luz e descaminando as contas apresentadas, seria do mais elementar bom senso, não eleger o principal individuo atingido. Não se raciocinou assim, e os illustres congressistas conseguiram esta dupla personalidade; um sindicato feito syndicante.

Não está certo; e o que mais nos admira, é que Raul Nunes, sendo indiscutivelmente um espirito esclarecido, tivesse deixado as cousas, atingir um grau tão intenso.

A sua demissão a tempo dar-lhe-hia um pouco do antigo prestigio, e teria resolvido o assumpto, não irritando os animos.

Como muito bem afirmou Julio d'Araujo, delegado da Associação de Moçambique, que marcou um lugar de destaque pela precisão e desassombro das suas afirmações, Raul Nunes que poderia findar a sua carreira sportiva com chave d'ouro, atendendo ao brilhantismo do seu passado teve a habilidade de encerrar a sua obra com uma chave de ferro ordinario e ferrugenta.

E' o que se chama, cair mal.

CORRÊA LEAL

## DEFENDAM-SE

Não mandem fazer fatos sem fazerem uma visita á Alfaiataria CENTRO DA MODA. Rua Augusta, 141, 1.º, onde se veste com mais economia elegancia e distincção.

Grande baixa de preços.

Tambem se fazem fatos a feitio para homens e senhoras.

## CALÇADO ATLAS

NOVA BAIXA DE PREÇOS

EM TODO O NOSSO CALÇADO

DESDE 16 DO CORRENTE MEZ

DEPOSITOS: R. DO OURO, 198—R. AUGUSTA, 149—R. DO CARMO, 87





# Cinemas, Teatros e circos

Concurso Teatral Á BEIRA DA CAMPA DE ANGELA PINTO

## Uma pergunta indiscreta

QUAL É A MULHER  
MAIS LINDA QUE  
PISA OS PALCOS  
PORTUGUESES?

### CONDIÇÕES:

- 1.º—Serão aceites e publicadas todas as res-  
postas em verso que responderem a este con-  
curso.
- 2.º—Ao auctor da melhor resposta das pu-  
blicadas nos primeiros quatro numeros e à  
actriz mais votada serão oferecidos valiosos  
prêmios.

Vou concorrer ao concurso  
E com mui prazer o faço:  
—Para mim a actriz mais linda  
E' a Amelia Rey Colaço.

Temos actrizes galantes  
Com charme e graça infinda,  
Mas a Amelia Rey Colaço  
De todas é a mais linda!

HANIBAL

E' um encanto—um amor!  
E' um bijou—E' uma prenda,  
E lhes digo—mas sem pavôr  
Que a mais bonita—é Auzenda!

UM MATTIAS

O meu voto, meus respeitos,  
Meu coração, meus cantares,  
Ofereço d'amor rendido  
A' Julieta Soares.

MOLI

Voto sem me enganar  
De todas na mais linda  
Julgo o concurso ganhar,  
Votando na Adelina.

Por eu não ser poeta,  
Tu prender-me não mandes.  
Por fazer versos a esta,  
A' Adelina Fernandes.

PONTES

A mais bonita eu vos juro!  
E se perder, esta aposta!  
Concerteza sou maduro  
Se não fôr a Laura Costa.

EX-BELENENSE

E' bela! e mui nova ainda!  
E sonha horisontes grandes!  
Entre todas—a mais linda?  
Eu julgo a Emilia Fernandes.

ZÉ DE SILVES

MARIA VICTORIA

A peça de actualidade, tão querida do publico, Sonho  
Dorrido com Laura Costa, a encantadora «divette», em  
muitos numeros novos e sempre repetidos.

Nascimento Fernandes na  
padre «Lino»

Amelia Rey Colaço na  
«Coquinera»

é o que eles querem!—» vê finalmente  
que afinal tinha razão, e a ver-

**E**M 13 de setembro de 1903, realizou-se no Teatro Aguiar d'Ouro do Porto,  
uma sessão solenne em honra da grande actriz Angela Pinto que por  
esse tempo deu aos portuenses um espectáculo inédito, a representação  
da tragedia Hamlet.

Nesse dia, realizou-se uma festa em que tomaram parte os principaes vultos  
da Arte e das Letras da cidade do Porto e, apoz algumas palavras elogiosas  
por parte dos que essa festa tinham promovido, realizou-se no atrio do teatro, o  
descerramento de uma lapide em que se testemunhava á grande actriz a adoração  
dos portuenses pela sua interpretação do príncipe da Dinamarca e se marcava a  
data de esse acontecimento artistico.

Passaram anos e um belo dia os proprietários do teatro, entenderam fazer  
obras no edificio. Para esse fim, foi preciso arrancar a lapide comemorativa.

Até hoje, já as obras concluidas ha tanto tempo, a lapide não voltou ao seu  
lugar e chega-nos a informação de que jaz partida no subterraneo do teatro.

Porque não se coloca a lapide de Angela Pinto no logar que o publico do  
Porto designou?! Que razões ha para que o nome dessa grande actiz não fique  
numa admiração tão justa, ligado á historia do Teatro Aguiar de Ouro?

Esperamos que a empresa nos responda afim de responder-mos aos organiza-  
dores da festa que teve por unico fim firmar para a posteridade o nome glorioso  
de Angela Pinto no atrio de um dos teatros do Porto.

## noites de primeira

### NO POLITEAMA

«A Massaroca» que Feliciano San-  
tos e D. José Paulo da Camara tradu-  
ziram para o Politeama é, como o seu  
nome indica, uma peça destinada a  
ajudar o sr. Luiz Pereira a pagar as  
contribuições.

O simpatico e excelente empresario,  
que andava ha que tempos a clamar  
em vão pelos bastidores: «Dê-m-lhe pe-  
ças alegres! Dê-m-lhe peças alegres que

dade é que os escritos este ano são  
ininterruptos no Politeama. Esta fuga  
da companhia Rey-Colaço para o tea-  
tro ligeiro, embora momentaneamente,



Robles Monteiro no «Novo Rico»

não deixa de ser sintomatica, se aten-  
dermos a que á frente da companhia  
está a cultura de Rey-Colaço e o ta-  
lento dramático do Azevedo. E' verda-  
de que também está o senso pratico  
do Robles—mas é triste verificar que  
o publico nada mais quere do teatro do  
que uma acção favoravel ás assimila-  
ções estomacais, preferindo francamente  
uma pilieria dita pelo Nascimento Fer-  
nandes á mais alta criação dramática  
que tenha aparecido ou apareça.

«EDEN»

Brevemente inauguração de uma companhia de varie-  
des.

A victoria na eleição  
Cabe sem mais atavios  
A' linda Maria Brazão  
Que é das de trez assobios.

JORGE DE SOUZA

Maria Alves! Enfim,  
E' a actriz que eu mais noto;  
Por tanto é ela, p'ra mim,  
A que merece o meu voto!

JESUÉ

Com a graça da Julia Mendes  
Com seu forte e lindo busto  
—Eu não sei se tu comprehendes...  
E' a Alves do A'gusto...

JOAQUIM PACHECO

Palavra! Pois! Com certeza  
Não seria um verso crasso,  
Se o premio d'arte e beleza  
Não fosse pra Rey Colaço?

ZÉCA XANDRE

E' ela no drama a mais pomposa  
E' ela que nos vestidos faz mais gastos  
E' ela decerto a mais formosa  
E' ela a atriz Palmira Bastos.

IMPARCIAL

E' impossivel achar  
Nos palcos de Portugal  
Quem se possa comparar  
A' bela Corte Real.

M. P. S.

Ha gostos que dão desgostos  
Porque toda a gente gosta,  
Mas seja gosto ou desgosto  
Gosto mais da «Laura Costa»

ANTONIO PAIM



ESTADO DO CONCURSO  
ATÉ AO N.º 9

Auzenda d'Oliveira . . . . .	17 votos
Amelia Rey Colaço . . . . .	6 »
Ilda Stichini . . . . .	5 »
Luiza Satanela . . . . .	4 »
Laura Costa . . . . .	3 »
Adelina Fernandes . . . . .	2 »
Maria Corte Real . . . . .	2 »
Maria Alvarez . . . . .	2 »
Maria Clementina . . . . .	1 »
Aldina de Souza . . . . .	1 »
Elisa Santos . . . . .	1 »
Julieta Soares . . . . .	1 »
Elvira Costa . . . . .	1 »

FOTOGRAFIA  
PORTUGALIA  
A MAIS CHIC DO PAÍS  
RETRATOS D'ARTE  
POSTAIS ENTREGUES EM 48 HORAS  
R. PASCHOAL DE MELO, 105 a 109  
LISBOA

«CARLOS» NACIONAL «S. LUIZ» «APOLO» «AVENIDA» «POLITEAMA» «TRIUNFADE» «COLISEU»

Sempre espectaculos pela  
companhia Lucilla Simões.  
Repertorio de drama e alta  
comedia, com Lucilla, Eri-  
co toda a companhia.

«Vivette» peça de emo-  
ção, dor e sentimento, com  
Stichini, Cremilda, Alberti-  
na, Clemente e Rafael.  
Conjuncto equilibrado e  
brilhante. Primorosa tra-  
dição de Vasco Borges.

Espectaculos varia-  
dos pela companhia Ar-  
mando de Vasconcelos.  
Grandioso exito de arte  
e elegancia.

A revista popular «Pst»  
com o aplaudido actor  
Gomes, fantasia e bom  
humor.

A opereta «Miss Diabo»  
pela companhia Satane-  
la-Amarante. Expendido-  
desempenho da admiravel  
actriz Luisa Satanela, mu-  
sica lindissima.

O grande exito «Massa-  
roca» de Feliciano Santos e  
D. José Paulo da Camara.  
Toda a companhia Rey-  
Colaço-Robles Monteiro.

Brevemente inauguração  
da grande companhia por-  
tuguesa de operetas e fee-  
ries.

A grande companhia de  
circo. Atrativo das creanças  
grandes e pequenas, noites  
e tardes de interesse e co-  
moção. Espectaculo moder-



**B**IGODINHOS—Bigodeiras—Bigodas. A mosca, os mata-cães. A pera presidencial — a careca de Alvaro de Castro e os bigodes em voluta de André Brum. O buço de Ramada Curto, as barbas de Manoel de Sousa Pinto e o bigode sobre todos de Julio Dantas. A ex-careca gloriosa de Egas Moniz, os capachinhos celebres, a farta cabeleira de Candido de Figueiredo e as suissas de Ramalho. Pelos e peludos.

Evoquemos nesta pagina o passado capilar dalguns vultos portugueses. A alta e a moda dos pelos da cara, mais do que á primeira vista parece, é um reflexo social admiravel de precisão



Os srs. Teixeira Gomes, dr. Alvaro de Castro, dr. Antonio José de Almeida, e Victorino Guimarães.

para fixar aspectos de politica de sentimento e até de atitudes literarias.

As peras da propaganda republicana, que se fizeram brancas e murcharam como a de Antonio José d'Almeida ou andam pintadas (dizem as más linguas!)

## "COIFFEUR — HAIR-DRESSER" Bigodes! Bigodes!

como a de Afonso Costa, marcaram periodo. O bigode extranho, vasto e hirsuto como uma floresta, funebre e tragica, de Julio Dantas, é da epoca sensual do auctor de «O que morreu de amor». A bigodeira em voluta de André Brum, cadete perna bamba da Escola do Exercito é mais do que um periodo—é um tipo. O buço anarquista de Ramada Curto e as barbas «á barabás» de Manuel de Sousa Pinto (quem tal diria ao vê-lo hoje rapadinho no Chiado!) são característicos marcantes.

Arranjam-se, refastem-se, rapam-se os pelos da cara, segundo afinidades e tendencias, politicas, religiosas e esteticas. Desde o poeta João Maria Ferreira, que andava de queixo á véla no tempo do seu cavalo Sevilha e agora pudicamente o recobre de espessa grenha, até á careca franca do sr. Avaro de Castro, (cuja diminuição de cabelos corresponde ao aumento de planos financeiros) quantas revoluções se não têm dado da Republica para cá?

O proprio senhor Teixeira Gomes, é outro. Está chupada a sua face outrora fresca e redonda e a barbicha ne-

gra como um figo de capa rota, está branca e sorvada.

Só ao sr. Egas Moniz, imprevisadamente, uma farta cabeleira surgiu, oleosa e compacta como uma pele de fóca, fazendo esquecer a sua antiga careca estilo bola de bilhar.

Passada a moda das cabeleiras á Candido de Figueiredo — nova que foi a infancia dos «capachinhos» — surgem estes em todo o seu esplendor. Não mais os «messieurs qui ramenent» aqueles que trazem os cabelos de traz para a frente, ou do pé da orelha para o topo da cabeça, como o José Ricardo, que os vão buscar onde eles estão, lá muito abaixo ou lá muito atraz, e os deitam ao comprido, ás riscas, num luto aliviado, sobre a testa.

Vêm os colossais «toupetes» á Erico Braga, feitos em Paris a peso de ouro, e que deixam a perder de vista a empirica formula em estilo limpa-pés, como o do Clemente Pinto.

Na America implantam-se cabelos a dolar cada um e a grande tragedia capilar remedia-se com alguns cheques solidos. E, quando os não haja, as cabeleiras de meia calvice, o chinósinho de reservas á Augusto de Castro — a

ultima criação, são um verdadeiro desafio a observação e á perspicacia.

A scenografia da casa, essa arte e essa preocupação que dirse-hia exclusivamente das mulheres ocupa mais do que parece a atenção dos homens. Quantos grandes estadistas, quantos altos funcionarios, deante dum espelho, não meditam inutilmente na maneira de alijeirar a carcassa cortando aqui, rapando acolá, aparando e espontando as patilhas, o bigode, a mosca, as so-brancelhas?

Quantos bigodes não foram abaixo na estulta preocupação e na illusoria conquista dalguns anos a menos?

Porque rapam a cara o Brum e o Ramada Curto, porque transformou numa



Os srs. dr. Julio Dantas, André Brum, e Manuel de Sousa Pinto

«brush» americana o seu formidavel bigode o Julio Dantas?

Porque anda rapadinho tambem o Alvaro de Castro?

Tudo ao mesmo... Tudo ao mesmo! O que eles não conseguem é com a mesma facilidade com que rapam a cara... raparem os anos!

X.

## Recita anual

TRINDADE. — «Furta-Côres» — revista-fantasia em 2 actos e 11 quadros, de Jaime Ferreira, Alvaro Leal e Carlos Cruz, musica de Alves Coelho, em festa dos em-prégados do Banco Nacional Ultramarino.

Os empregados do Banco Nacional Ultramarino, realisaram na passada 5.<sup>a</sup> feira, mais uma vez, a sua recita anual, a favor do seu fundo de Assistencia ás Viuvras e Orfãos.

Jaime Ferreira, Alvaro Leal e Carlos Cruz, escreveram com felecidade a revista «FURTA-CÔRES», não desmentindo as suas belas aptidões de escritores, e Alves Coelho musicou com leveza e dirigiu superiormente.

Da revista surgem pelo seu sentimentalismo, o quadro ROXO em que se admiram belos versos e o quadro VERDE, uma evocação historica que nos relembra a raça portuguesa.

De desempenho, e clou da noite, foram Alfredo Cavalheiro e Manoel Mantero, que conseguiram prender a plateia e arrancar enormes ovações.

Conseguiram, porém marcar, Henrique Ponte, Arbués Moreira, Marciano Alves, José Paulo, Penalva, Faria Nunes, Clemente Rosa, Mourato, etc, formando

os restantes um conjuncto muito equilibrado.

Ao espectáculo, que tinha uma assistencia elegante, dignou-se assistir o Snr. Presidente da Republica.

RUY DE ALMEIDA

## Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE  
TODOS OS ASSUNTOS

Recortar este selo e enviar com a consulta a  
Prof. HAITY.



RUA D. PEDRO V, 18 — LISBOA

## A ULTIMA AVENTURA DE

## SHERLOCK HOLMES

Quando Sherlock-Holmes morreu, como toda a vida tinha trabalhado pela justiça e pelo bem dos seus concidadãos, foi para o ceu.

Encontrando a porta fechada, e não tendo perdido o seu espirito de observação, como tivesse encontrado a porta fechada e não vendo S. Pedro, puxou da sua lente e examinou se haveria vestígios de crime.

Bateu á porta, e não obtendo resposta, bateu novamente. O mesmo silencio.

Convencido de que alguma coisa de anormal se estaria passando e não esquecendo a sua qualidade de policia, ao bater pela 3.<sup>a</sup> vez, bradou:

— Abra em nome da lei. —

Emfim S. Pedro, sempre appareceu, e perguntando-lhe quem era, obteve a resposta de que era Sherlock-Holmes o novo pretendente ao paraizo.

Não o conhecendo, foi ver se no registo estaria o nome d'ele, mas não o encontrou.

Admirado de tanta bulha, appareceu o Pai do Ceu, que o reconheceu imediatamente, e que o recebeu com estas palavras.

«Ainda bem que chegas porque só tu nos poderás salvar».

«Então o que ha?»

— Desappareceu o Adão.

— Eu o encontrarei.

Principiando imediatamente as suas investigações Sherlock-Holmes, dentro em pouco tempo apparecia ao Pai do Ceu, com a resposta categorica de que Adão estava no Paraizo.

— Isso não pode ser porque todos nós o conhecemos bem, visto que ele foi o primeiro que para aqui veio e é portanto o mais antigo».

— «Tenho a certeza que está aqui e desconfio daquelle que alem está, disse o celebre policia apontando para um dos habitantes, de cara rapada» —

— O Adão tinha barbas.

— «Fez a barba e foi com uma Gillete visto que o lenho que ele deu é no sentido transversal, porquanto se fosse com uma navalha, o golpe seria longitudinal».

«Não me convences» —

«Ha uma prova suprema, mas essa em nome da moralidade...»

«Não faz mal aqui só ha almas, diz o que queres»

Mandadas despir todas as almas o individuo de quem Sherlock-Holmes desconfiava... não tinha umbigo...

GODIM JUNIOR



# Drama sem fim

Dr. Cervantes Machado de regresso da Alemanha deixou-se ficar nas propriedades da Parralva por toda a quadra das vindimas. Iam ainda estiradas as tardes de ouro, e sabia-lhe bem o repouso dum passeio pelos largos vinhedos da quinta, ao fim do jantar, a reconciliar-se com a terra depois dessa forçada ausência de três anos em laboratórios e hospitais de Berlim e Munich, entre homens e ceus frios.

As moças do trabalho e as creadas da lavoura quasi o não reconheciam, de distante que ele andava da vida do campo, desde a formatura em medicina e a partida para o estrangeiro. E, no entanto ela ia seguindo abaixo a regueira das cepas e lançava a todos o nome com a saudação, familiarizado já com a boa gente do mesmo torrão, colhendo um bago com a sensualidade dum fauno distraído em plena floresta e apeteendo as ancas fortes da rapariga de Etelvina Moleira, já tão mulher em três anos, ele que a deixara uma garota chupada e franzina.

Essa família Cervantes Machado estava hoje dizimada.

Apenas o pae, entre «couveprieds» e botijas de agua-quente curti a sua eterna bronquite numa sala, por detraz da vidraça com os olhos nos campos tranquilos.

Luiz Cervantes Machado gosava como filho senhor toda a regalia do passado.

O seu curso, rapido e brilhante fizera dele uma bela esperança e os proprios mestres lhe aconselhavam ao terminar a defeza da tese, que fosse lá fóra especialisar-se. E foi, o jovem medico,



quando um vagon de marcos se comprava com uma bolsa de libras, para a Alemanha estudar um ramo novo, de «post-guerra» — a orthopedia, ou seja, o tratamento das deformidades, a aleijões dos ossos, deficiencias musculares, paralisias, e a substituição dos membros nos casos de amputações.

Trez anos se demorou nas clinicas, maravilhado dessa extranha sciencia que conseguia fazer dum farrapo de carne um musculo vivo e util, dum braço flacido um órgão prompto ao trabalho.

E, agora à volta, cançados os olhos de tanta deformidade doente, de tanta dolorosa miséria fisica, os olhos do medico repousavam bem sobre as ancas da rapariga de Etelvina Moleira, fe-

liz de reencontrarem esse glorioso pedaço de saude, forte como um tronco de castanho e pura como a ceira da varzea, fresca e penetrante...

— Como te chamas?

— «Atão? Saberá o Sr. Doutor que sou *tamem* Etelvina cum'a minha mãe que Deus haja...

— Morreu a tua mãe?

— Vae em dois anos, faz agora p'lo Natal.

— E com quem vives...

— Vendemos o moinho — Vivo com as cachopas na casa pequena da azenha, á Roliça, ao pé das terras do Simão — sabe donde é?

— Sei... sei... Estás uma mulher... E a respeito de casar?

Oh!

— Olha a parte... Nan que trabalhos tenho eu...

— Pois estás uma linda moça, Etelvina... Sabe Deus!

— Ideias dos olhos, senhor doutor...

Quando á boquinha da noite, o ultimo rancho de creadas com cestos entrou no lagar, acendeu-se a candeia e vasaram-se de borco os cabazes nos largos tanques.

— Boa noite!

— Santas noites! gorgearam as moças, e saíram airozas com anforas num fuso grego.

Suadas da lida, separaram-se logo aos bandos pelas azinhagas escuras em cata do caldo nos casais e a Etelvina, ficou a pedir a brôa á porta da cosinha para as cachopinhas, como tinham combinado entrar na jorna.

O senhor doutor do terraço, gritou pelo José: que lhe desse um naco daquele presunto de Manteigas e levasse um frango para a que andava com maleitas. Depois, mesmo em cabelo desceu a escada que dava direito ao laranjal onde ela havia de passar, e ficou-se calado na sombra e no perfume das arvores, quebrando nervosamente o espelho da agua do tanque com as rosinhas de toucar da trepadeira...

Ao barulho do velha caleche da quinta, rodando sobre as pedras do pateo, Luiz abraçou o pae, pegou nas mantas, e desceu entre os creados a escadaria. Mal se escondeu porem a porta da Torralva ele ordenou logo ao Simplicio alquilador, que vinha atrelar o carro e guiar quando era preciso, que desse a volta ao cabeço pela estrada nova a levar a bagagem á estação, que ele ia a pé, pelas terras do Simão, e ainda havia de esperar pelo comboio meia hora segura.

A Etelvina tinha tudo preparado des-

de dias. O Senhor Doutor levava-a, e as apparencias estavam salvas porque ela abalara dois dias depois, a servir para Coimbra, as cachopas ficaram á cunhada, e o seu amor rude e selvagem continuava na mesma.

Luiz passou á azenha e beijou-a. «Até depois d'amanhã» e ficou largamente dinheiro para tudo.

Em Lisboa, na sua casa de solteiro o Doutor recebera bem a moça. Afinal era uma creada, companheira e serva, sem exigências nem pretensões, e o seu «menage» complicado de homem só, estava assim resolvido com mais ordem.

O regresso a actividade absorvia-o completamente. Não porque os clientes abundassem, mas porque o seu sincero interesse profissional o prendia aos hospitaes e aos asilos de aleijados, na anciedade de conseguir casos novos. Uma manhã Luiz dirigiu-se ao azilo dos velhos, em Santo Antonio dos Capuchos conduzido pela informação de que muitos anormais e aleijados de pouca idade, ali se encontravam, dados como inúteis. Passou em revista, no refeitório, um exercito de miserias e chamou-lhe a atenção um rapaz, forte e perfeito da cintura acima mas cujas pernas na altura do joelho se torciam como vimes, defeituosas e mortas para qualquer movimento.

— Oh, Sr. Dr. bom, eu?! Já fui. Hoje antes fóra velho e são, como o meu pae...

— Vai amanhã no carro a Santa Marta, e eu te tratarei. Não tenhas medo.

Na manhã seguinte o medico com o maior entusiasmo dispoz tudo para a operação.

Sobre o corpo estendido na meza, os seus olhos, febris e sofregos brilhavam. Esse novo escultor, que modelava estranhamente sobre a propria carne, amassando e golpeando, construindo e erguendo, refazendo a vida como um Deus, creando a materia viva da massa inerte — sorria, victoriosamente...

Num mês os ossos principiavam a regenerar, em quinze dias mais o doente movia as pernas e dois mezes depois, na cerca do hospital ninguem reconheceria nesse rapaz forte e esbeto o frangalho, o farrapo tragico, que subia, de maca, a escadaria principal.

— Sr. Dr. Vou amanhã para a terra! Já escrevi! — Devo-lhe a vida! Devo-lhe a vida! E o rapaz curvado, queria beijar-lhe as mãos, com duas lagrimas a esmaltarem-lhe os olhos claros...

— Onde és tu?

— Saberá senhor das Vargens...

— Das Vargens? E's visinho não sabia. A minha casa, homem, é a Torralva, conheces a gente concerteza.

— Ah! o sr. dr. é o menino que andava a estudos? Se já até andei de jorna em terras suas, quando era mais cachopo... oh! Deus lh'o pague e ao seu paesinho, Sr. Dr. ... E quer alguma coisa para as bandas de lá? E como tenho alta abalo amanhã...

— Pois sim, levarás uma carta... ora tu... das Vargens...

Ao regressar a casa Luiz agradecia ao acaso essa imprevisita popularidade que o seu milagre de cirurgia lhe iria



dar na terra. E começava a ver, que era amigo dessa gente e andava ainda muito preso ao torrão.

Bateu a campainha. Um grito na antecâmara da entrada fê-lo erguer dum salto e chegou á porta.

O que era? O rapaz soubera da morada e vinha pela carta, despedir-se e agradecer.

A moça foi a abrir e o coração ao vê-la deu-lhe um pulo.

A Etelvina fóra, antes da sua desgraça o sonho das primeiras noites e conversada a trazia de anos já. Em vão lhe escrevera para a terra a contar-lhe o milagre — que não tivera resposta. Nem parentes nem amigos lhe diziam nada, e ele sonhou já, alvoraçado, chegar e dizer-lhe: «Ampara-te a mim rapariga, que estava bom e sou homem para te guardar...

E ela ali estava agora, deformada e lenta da gravidez, a dizer-lhe sem palavras que não era a mesma de outrora, moça pura, para o seu puro amor...

E o drama, drama sem fim da vida, não teve frases nem conflitos.

Tombaram primeiro, lentas e fortes as lagrimas do homem vencido, vieram depois os soluços da mulher, tremulos e intimos, e por fim, o proprio vencedor, piedosamente, chorou...

V. S.

## AOS NOVOS

Aceitamos novelas originaes ineditos do tipo das publicadas nos nossos numeros. Temos em nosso poder muitas que tem sido enviadas, ás quais ainda não podemos dar publicação mais pela enorme affluencia de original do que pela falta de merito que revelam, pois alguns dos seus auctores demonstram reais disposições para o genero.



# Barreira de sombra

(crônicas tauromáquicas)  
—POR PEPE LUIZ

O PRESTIGIOSO ARTISTA SANCHEZ MEJIAS, VEM A LISBOA AFIRMAR A SUPERIORIDADE DUM TOUREIRO PUNDON-ROSO, ELEGANTE E EMOCIONANTE

**S**ANCHEZ Mejias em terra lusitana, é mais um astro que brilha neste céu generoso e hospitaleiro.

A época tauromáquica não podia abrir com melhores auspícios, nem os aficionados podiam ser brindados com mais valioso regalo, do que aquele que Eduardo Pagés destinou a esta Lisboa que tão bem sabe sublinhar o trabalho honesto, despretençioso e cujo valor se lhe atribua sem o esforço provocado por suspeitosos impulsos.

A Arte de Mejias, está marcada sem reclamações retumbantes, mas sim com fases plenas de emoção e de verdade.

Colaborador do saudoso Gallito—seu cunhado—Mejias alcançou a primeira fila sem grandes etapas de dificuldades, tornando-se hoje o toureiro espanhol de maiores faculdades de agrado, visto a sua personalidade artística e social resumir a comum simpatia tanto do público como de todos os seus colegas.

Ignacio de Sanchez Mejias é o presidente da Associação de classe de que mui honrosamente faz parte.

O popular artista toureira a pé e a cavalo:



Notável caricatura de Sanchez Mejias publicada no "Universal Taurino", do México.

manifestando sempre o superior quilate da sua intuição. Com o capote é arrimado e elegante, no segundo tercio é colosso de sciencia, temerario e inventor; e com o precal, não ultrapassa é certo, o que outrora o seu chorado maes-

tro derramou, mas o estilo que distingue as suas faenas não deixam de ser monumentais de beleza e segurança.

A cavalo usa o genero campinado que é o geralmente adoptado nas praças de Espanha. Mejias não faz grande empenho neste modo de trabalho. Utiliza-o por recreação; de resto,



Sanchez Mejias, executando uma das suas melhores sortes

estamos convencidos que não interessava ao grande artista apresentar-se como profissional, num trabalho que, com relativo valor, é executado pelos nossos campinos do Ribatejo.

Em 7 de Julho proximo, temos no Campo Pequeno, Marcial Lalanda e, em 10 seguinte, Chicuelo.

Prestaram as suas provas finais os discipulos do estimado artista Agostinho Coelho, que na tarefa do ensino, foi auxiliado por Angellito. Apareceram alguns rapazes com habilidade. Também uma filha de Eva deliciou o juri—que era constituído pelo publico e presidido pelo grande mestre Segurado—cravando bandarilhas com a elegancia propria do sexo!

Agostinho pede-nos para informarmos que a ele se dirijam directamente, todas as pessoas que queiram nos seus serviços. Aqui fica o aviso.

Salud y pesetas.

PEPE LUIZ

## O DOMINGO

ILUSTRADO

VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS



Secção a cargo de José Pedro do Carmo (Zépêdro).

## QUADRO DE HONRA

Néné—Africano—Violeta—Aros—  
Um Portuense—V. S.—Florindo  
—Marco Lino—Eva—M. Rodrigues—Fadigão.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 8.

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Afirmação  
Charada em frase: Cavalgadura.  
Logogrifo: Velho de entrudo.

## CHARADA EM VERSO

Tudo muda, tudo acaba  
Tudo nasce p'ra morrer;  
Quem é bom torna-se mau,  
Quem é mau, deixou de o ser.—I

Não vale a pena pensar,  
N'estas verdades tão duras,  
Portanto, toca a gosar,—2  
Deixemos as amarguras.

Os desgostos lá virão,  
Em vão se lhes dá batalha,  
Porque é sempre ocasião  
Do reverso da medalha.

Porto

ZARITA

Procure o que eu penso da religião cristã.—2—2.

MILÊNA

## LOGOGRIFO

Este vulgar apelido—3—4—1—2—5—4.  
É nome proprio vulgar,—1—2—5—6—7.  
É apelido, por fim,  
Facilmente vão achar.

VIOLETA

## INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redacção, ou á Rua Auren, 72, Lisboa.

— Se se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel lizo e tinta da China.

— Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

sava a vida sentado no chão, a abanar-se com um grande leque de seda e a fumar um grande cachimbo de sandalo—até esse occorrêr, risonho, solícito, enfiado numa luxuosissima cabana côr de morango. O ministro dos estrangeiros que vestia smoking e ostentava, ao peito uma pesada comenda africana, pôs Suas Ex.<sup>as</sup> ao facto das razões que levaram o poder executivo a decretar «num grande gesto digno do século XII» (palavras textuais) a mobilização das mulheres, dessas mulheres que, cada vez, estavam sendo mais nossas adoráveis inimigas. O que nenhum estado conseguira fazer ainda: acabava de fazê-lo o estado de El-Rei Magano.

Todos aplaudiram. O embaixador inglês sorriu, compoz o monoculo, confidenciai ao ministro de França: —All right! Great people!

E o ministro de França segredou logo ao enviado de Italia:

Oh! les femmes, les pauvres femmes...

Emquanto o ministro de Espanha cuja calva resplandecia, como uma formidável bola de bilhar, agitando os braços:

—Hombre de Dios! Viene ver la jota magana...

Numa palavra: o estrangeiro aprovava e sorria.

Vejam agora qual foi a impressão produzida nas pessoas mais directamente interessadas nas novas disposições leges: as mulheres. Não faltaria a verdade se dissesse ao ouvido de V. Ex.<sup>as</sup> que as mulheres aceitaram a sua nova situação com uma coragem e com sangue

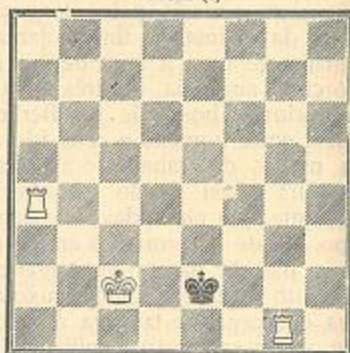
## Xadrez

A correspondência sobre esta secção pôde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 9

PROBLEMA N.º 9 (Miniatura)

Por Otto Wuzburg

Pretas (1)



Brancas (3)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

ERRATA—No problema n.º 8 em vez de B. preto F. branco e da D. preta D. branca.  
Resolveram o problema n.º 7 os srs. Mota Ribeiro (Porto), Gomes de Pina, Afonso Moutinho, dr. Duménil, Nunes Cardozo e Beja e Sousa.

(Continuação)

Esta regra pôde ter excepção nos problemas de Xadrez, fantasistas ou humorísticos.

O primeiro lance da solução deve ser unico, senão o problema é incorrecto por dupla solução. Também não deve ser aggressivo pelo menos aparentemente, evitando-se portanto os cheques no primeiro lance.

## PAPELARIA PALETA DE OURO



RUA DO OURO, 72—LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

## ORTHOPEDIA

Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações—Deformidades e paralisias em creanças e adultos

AS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º—LISBOA

TELEF. N. 908

Folhetim do Domingo «Ilustrado» N.º 3



Por LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

III

decreto da mobilização das mulheres publicado no jornal oficial e afixado no dia seguinte em todos os placards, produziu em todo o paiz, como não podia deixar de ser, uma viva impressão. Não deixa de ser curioso transcrever esse decreto:

Art.º 1.º—São immediatamente mobilizadas e ficam á ordem do ministerio da guerra, todas as que tenham mais de 18 anos e menos de 70.

Art.º 2.º—São exceptuadas desta disposição todas aque-

las que provarem, á evidencia, que têm maridos ou amantes a quem amem com fervor.

Art.º 3.º—O governo pela pasta da guerra, publicará immediatamente os regulamentos necessarios á completa execução desta lei.

Art.º 4.º—Fica revogada a legislação em contrario.

A' volta deste decreto começaram a fazer-se, desde logo, os mais desencontrados comentarios. Fervilhavam os boatos. Anunciavam-se graves acontecimentos. Previam-se, sobretudo, que o governo não resistiria na Camara ao embate das opposições—que não faziam outra coisa senão politica de saias. Dizia-se mesmo que proprio prestigio de Sua Magestade saíria cruelmente ferido do debate parlamentar. A verdade é que, ha muitos anos, um acontecimento não impressionava tanto a opinião do paiz inteiro—e realmente com sobeja razão.

Mas não era apenas o paiz: era o proprio estrangeiro que seguia cheio de curiosidade verdadeiramente feminina, a marcha dos acontecimentos politicos. No dia seguinte ao da publicação do decreto—o ministro dos estrangeiros, diplomata habilissimo cuja mão calçava pela lava branca de Chamberlain, entendeu que era de bom aviso dar parte aos senhores representantes estrangeiros da inesperada resolução do governo. A audiencia realizou-se na Sala dos Embaixadores, vasta quadra cheia de talhas da India e de admiraveis moveis D. João V., e, caso curioso, não faltou nenhum embaixador, nenhum ministro, nenhum simples enviado. Estava tudo—como num baile do Paço. Até o ministro da China que pas-

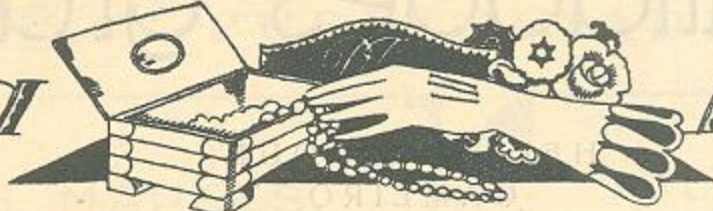
frio que, com muito prazer aqui registro. O que ni quer dizer que esse sangue frio e essa coragem não fossem, desde logo, postos ao serviço dos mais inverosímeis subterfugios destinados senão a fugir, pelo menos a justificar a excepção a que especialmente se referia o art.º 2.º do decreto. E assim todas as mulheres incursas no art.º 1.º que não conseguiram provar a existencia dum marido a quem amassem com fervor—mesmo sem fervor, porque o maior parte delas eram mulheres solteiras—viram-se obrigadas a procurar um amante. Os jornaes vinham inundados de anuncios. «Rapariga de vinte annos toira, bonita, deseja um amante a quem darei cem mil reis mensaes e charutos». «Senhora de 60 annos, viúva, precisa de amante. Não faz questão de idade, nem de preço». «Divorciada com os trinta annos de Buzac e um primeiro andar na Avenida carece dum amante, o mais depressa possivel. Dê-se casa e mesa. Era um nunca acabar. Mas, minhas senhoras e meus senhores, os amantes, como era natural, passaram a difficil-tar-se, a fazer exigencias de creança de quarto—e as mulheres mais pobres e menos resolutas viram-se na dura necessidade de se pôr á disposição de Sua Ex.<sup>a</sup> o ministro da guerra, especie de Sultão com olhos azues e um sorriso de fauno...

Les femmes, les pauvres femmes! Mas o besteiro quiz ser prodigo para com elas e um fio de sol surgiu na atmosfera das sombras. Abrámos a nossa pequenina janela—e olhamos a luz.

(Continua)



# pagina feminina



## Carta de Paris

### Penteadores primaverais

COM estes lindos dias de sol primaveril que nos libertaram emfim da opressão do inverno, será decerto com gostoso prazer que as nossas leitoras trocarão o penteador de lã dos Pyreneus, cujo conforto borralhento foi largamente apreciado durante os meses frios, por um fresco e encantador vestuário caseiro, tão agradável á vista quanto leve e gracioso. Os tecidos de algodão destinados aos penteadores do estio são tão sedutores pelo seu colorido e pelos seus lindos desenhos decorativos, que facilmente se dispõem a fantasias de feitiço.

Que lindos kimonos se fazem com os crêpons estampados representando vôos de aves, enormes flores em tons quentes ou fôlhas de belos e fantasiosos recortes! Se a leitora receia ficar pouco vestida para afrontar a frescura de certas belas manhãs de verão, escolha o seu penteador em flanela ou em mousseline de lã, também estampada. Ha colecções desses tecidos tão variadas como tentadoras pelas disposições interessantes e pitorescas dos motivos, pela harmonia dos coloridos habilmente combinados. Juntamos a estas notas alguns modelos muito originais.

Fazem-se penteadores solidos e confortáveis ainda que frescos, com grossos matelassés de algodão, com os klokys e os zenanas em algodão aveludado. Com estes tecidos espessos convêm formas direitas, com um trespasse muito largo. Ao passo que com os crêpons e percaes estampados e todas as fazendas leves, compõem-se modelos com mangas vastos e *coquilles* muito maleáveis. Fazem-se igualmente simples e lindos penteadores que mais parecem vestidos de trazer por casa; como taes, apresentam mais *aspecto* do que um penteador, se bem que se ande dentro deles inteiramente á vontade. Uma gola, guarnições de crêpon liso, em côr ou branco, ficam belamente num feliz conjunto.

Com estes vestuários leves e de tons claros, compreende-se que as roupas de baixo têm sua importancia.

Se as combinações em tecido de seda são praticos, é agradável ter pelo menos uma em crêpe da China: certas *toilettes* deslissam mal por sobre outro qualquer tecido. Não descurem isso as nossas leitoras, pois a falta d'esse pe-

queno detalhe tem por vezes grande importancia para o bom resultado duma *toilette*.

### Mulheres decididas

Noticiaram ha pouco os jornaes que foi creado na Palestina um esquadrão de amazonas decididas a defenderem-se por suas mãos contra os raptos de mulheres em que os arabes são useiros e vezeiros.

O cavaleiro de albornoz flutuante que arrebatava atravessada na sela a mulher desmaiada que acaba de raptar, é um quadro que seduziu de muitos pintores e poetas: mas a verdade é

dades de tiro. Certos brancos empregam quasi exclusivamente mulheres e notou-se que são esses os atacados de preferencia pelos bandidos. Por isso todas as empregadas de banco devem agora fazer parte dessas sociedades e seguir um treino rigoroso. Exercios de tiro têm logar nos proprios escriptorios. Os bandidos habituados a não encontrarem senão fracas mulheres atraz dos *guichets* encontrarão agora quem saiba e possa resistir-lhes.

### Pão mousseline com tomates

Deitar n'uma colhera 35 gramas de assucar seis pequenas colheras de farinha, meio copo



que isso só é belo em pintura, entenderam com razão aquelas amazonas que se intitulam orgulhosamente *noivas da morte*. Essas amazonas, assim, andam a exercitar-se na equitação e no tiro. Já são mais de quinhentas e os futuros raptos de mulheres terão que contar com elas.

Egualmente na America, onde os ataques de brancos á mão armada são por assim dizer diarios, tantas vezes se reproduzem, acabam de ser creados, entre o pessoal feminino, socie-

de leite fervido e sal. Pôr a caçarola ao lume e mexer até que a mistura forme uma massa muito espessa. Tirar a caçarola do lume, juntar duas gemas d'ovos, remexendo sempre, depois duas grandes colheradas de *purée* de tomates e finalmente as claras dos ovos batidos em espuma muito firme. Deitar tudo numa fôrma untada de manteiga e coser no forno a banho-maria. Servir com um molho de tomates e uma guarnição de torradas de pão fritas em manteiga.

gem ao sul de Portugal e a Sevilha, á qual se seguirá uma outra ao Brasil.

### Sejam nacionalistas, minhas senhoras!

E' vulgar encontrarem-se senhoras que que-rem exclusivamente, para a sua *toilette*, preparados estrangeiros, de preferencia francezes. E' que elas pensam, ingenuamente, que esses preparados são melhores do que os que são fabricados em Portiugal.

Isto tem alguma razão de ser, porque na verdade só ha alguns anos se fabricam em Portiugal productos de beleza perfeitos. E hoje mesmo são apresentados no mercado muitas imitações feitas sem escrupulo, no exclusivo proposito de ludibriar os compradores. Mas as pessoas iludidas só o são porque querem.

Toda a gente sabe, em Portugal, por experiencia propria, que os *Productos Marya* não têm rivais no nosso paiz e são absolutamente comparaveis aos melhores do estrangeiro, pois são os unicos preparados do genero cujas materias primas são importadas directamente do

**PÓ D'ARROZ "GABRIELA"** (especial para artistas) em branco, rosa n.º 1, rosa n.º 2, crême n.º 1 e crême n.º 2. **PERFUMARIA ELITE**, Largo do Calhariz, n.º 18 (Palacio Azambuja). Telef.: 1148-C

estrangeiro e são fabricados com os machinismos usados nas casas Coty, Houbigant, etc.

Portanto, querendo um bom producto, garantido, dez vezes mais barato do que os estrangeiros, não ha que hesitar: pedir os *Productos Marya*. Toda a gente prega a necessidade de sermos patriotas. Pois bem, sejamol-o praticamente: prefiramos os bons productos portuguezes.

### Amigas!

— Não, filha, ela protesta que nunca foi beijada!

— E que forte razão, n'esse caso, ela tem para protestar!

CELIMÉNE

## MANON

GRANDE COLEÇÃO DE MODELOS

ULTIMAS CREAÇÕES DA MODA

CHAPEUS PARA SENHORA

RUA JOÃO CRISOSTOMO, 115, 1.º  
 LISBOA

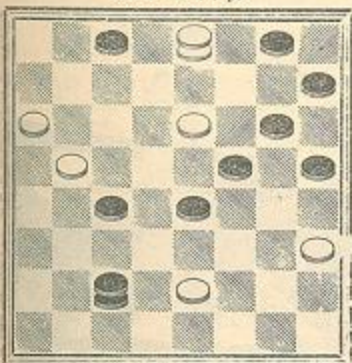
## Jogo das Damas

Solução do problema n.º 8

1	21-10	15-6
2	9-14	18-9
3	13-17	22-13
4	3-17	31-22
5	17-31-20	2-?
6	20-2	
	Ganha.	

### PROBLEMA N.º 9

Pretas 1 D e 8 p.



Branças 1 D e 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o "Domingo Illustrado", secção do Jogo das Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

## académica

### ORFEON ACADEMICO DE LISBOA

O Orfeon Academico de Lisboa é a mais bela realisação levada a efeito pelos estudantes das Escolas Superiores, que por ter determinado a união encantadora e admiravel duma centena de almas moças, quer por visar á vulgarisação; em Portugal e no estrangeiro, de canções do mais delicado sabor sentimental, entre as muitas que constituem o «folcklore» nacional.

A cerimonia da entrega do estandarte que ao Orfeon servirá de farol iluminador nas suas proximas excursões, revestiu um elevado significado espiritual interessando numa mesma comunhão de sentimentos toda a Academia de Lisboa e materializando as possibilidades dum triunfo além-fronteiras.

Dentro de alguns dias, iniciará o Orfeon a sua há muito projectada-via-

A Associação Academica da Faculdade de Letras que vem regularmente realizando conferencias sobre assuntos literarios; para afirmação do valor mental dos estudantes, promoveu uma brilhante sessão camiliana. Presidida pelo director da Faculdade, dissertaram notavelmente sobre os multiplos aspectos da individualidade do solitario de Seide o illustre professor sr. dr. Agostinho Fortes e o presidente da Associação Academica sr. Sá Nogueira.

## A CASA

AU PETIT PEINTRE

TEM AS ULTIMAS NOVIDADES

TEM AS MAIS ELEGANTES CLIENTES

Remete rapidamente para a provincia toda e qualquer encomenda



O  
 A B C-ZINHO  
 É O UNICO JOR-  
 NAL DAS CREA-  
 ÇAS PORTUGUE-  
 SAS.

## Casamentos

**Raul Augusto Moreira** (antigo ajudante da 4.ª Conservatoria do Re isto Civil e do notario dr. Noronha Galvão).—TRATA de papeis para casamentos civis, religiosos, ou por procuração, com dispensa ou não de editais e proclamas, de perfilhações, legitimações e de registos novos de nascimentos e fóra do praso legal, da legalisação de documentos estrangeiros e de ratificação de registos errados ou deficientes e de dispensas do parentesco. Divorcios, averbamentos e processos de mudança de nome, certificados de notoriedade, e incumbese de adquirir na provincia ou estrangeiro certidões ou quaisquer outros documentos. Justificações de registos e suprimimento de autorisação a menores na ausencia dos pais.

Responde-se a toda a correspondencia dirigida para a rua Luis Camões, 126, 3.º D. (Santo Amaro).





# Actualidades gráficas



## CINEMA



NICOLAS KOLINE

O egregio artista cinematográfico russo que reaparece ao publico amanhã no «Tivoli» no film de grande arte «Trapeiro de Paris».

## HELENA ROQUE GAMEIRO



A grande aguarelista portuguesa, expositora em muzeus nacionais e estrangeiros, que agora exhibe os seus trabalhos no Salão da Misericórdia do Porto.

## CINEMA



ANTONIO MORENO

O idolo das platéas latinas que o «Cinema Condes» apresenta na proxima terça feira na sua ultima criação «Tirano e Martir», superfilm com House Peters e Paulina Starke.

FRANCISCO  
DE OLIVEIRA  
ARTISTA FO-  
TOGRAFICO  
JÁ CONSA-  
GRADO POR



INUMEROS  
TRABALHOS  
DE INCON-  
TESTAVEL  
VALOR.

## CONCURSO HIPICO



A Morte de Tereza, do «Amor de Perdição». — (Desenho de Varela Aldemira).



Salto soberbo executado pelo distinto cavaleiro Margaride no magnifico cavalo «Intrepide». — (Cliché Raul Reits).



## PUBLICIDADE

## MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS  
MELHORES PREÇOS!  
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAI O

36, RUA DA ATALAIA, 40

LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS

**"A EUROPA"**

RUA AUGUSTA, 188 — LISBOA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Impecável rigor e rapidez nas suas  
liquidações.

LUNETAS, OCULOS, LORGNONS  
E BINOCULOS

NA CASA ESPECIALISTA

**Coelho Duarte, L.<sup>da</sup>**

138, RUA DA PRATA, 140  
LISBOA

**AOS PAIS!  
AOS FILHOS!**

O melhor presente são os quadros da HISTÓRIA DE PORTUGAL, evocação das nossas grandes passadas, tricromias sobre aquarelas dos grandes artistas ROQUE OAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAUL GUEDE

**Tapeçarias de  
Traz-os-Montes  
(URROS) L.<sup>da</sup>**

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO  
DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA  
NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTO-  
FOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRA-  
MENTE DIFERENTE DAS VULGARES  
TAPEÇARIAS REGIONAIS

**NÃO HAJA DUVIDA**

QUE OS  
FATOS  
FEITOS  
E POR  
MEDIDA



SOBRETUDOS  
DA MODA  
E  
CAPAS  
ALENTEJANA

São sempre  
mais  
BARATOS

**CASA DAS TESOURAS**  
51-51A RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA 53-55  
PERES & ARRANTES, SUCR

## ULTIMA NOVIDADE

DOCES INSTANTANEOS

FARINHAS BELGA

**"DELISS"**

FARINHAS «DELISS»  
PARA PUDINGS E BO-  
LOS INSTANTANEOS.  
FARINHAS COM O SA-  
BORE PERFUME DE  
TODAS AS FRUCTAS.

**Dôce  
econo-  
mico**

CRÊMES DE CHOCO-  
LATE. CRÊMES PARA  
SORVETES. ASSU-  
CAR BAUNILHADO.  
FARINHAS «DELISS»  
«UNIVERSELL»  
PARA MOLHOS.

GRANDE EXPOSIÇÃO  
NAS MONTRAS DOS  
DEPOSITARIOS

**Jeronimo Martins & Filho**

Representante: BATALHA REIS, Ltd.

**FOTO  
ESTEFANIA**

L. D. Estefania, 11

LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÀS 18 EXCEPTO ÀS  
SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM  
TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COM-  
PETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES,  
REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS,  
ETC., ETC.

**PAPELARIA CAMÕES**

FORNECIMENTOS PARA A PRO-  
VINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES  
DE TODOS OS ARTIGOS DE PA-  
PELARIA, ARTE APLICADA E  
PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

## BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

**BANCO EMISSOR DAS COLONIAS**

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO  
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL  
ESC. 48.000.000\$00

CAPITAL REALISADO  
ESC. 24.000.000\$00

R E S E R V A S  
ESC. 34.000.000\$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Évora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Rego, Santarém, Setúbal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo António e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Mocimboa e Ibo.

INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE,  
ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES  
ESTRANGEIROS

**O melhor vi-  
nho de meza  
é o COLARES  
BURJACAS**



# O DOMINGO

ASSINATURAS

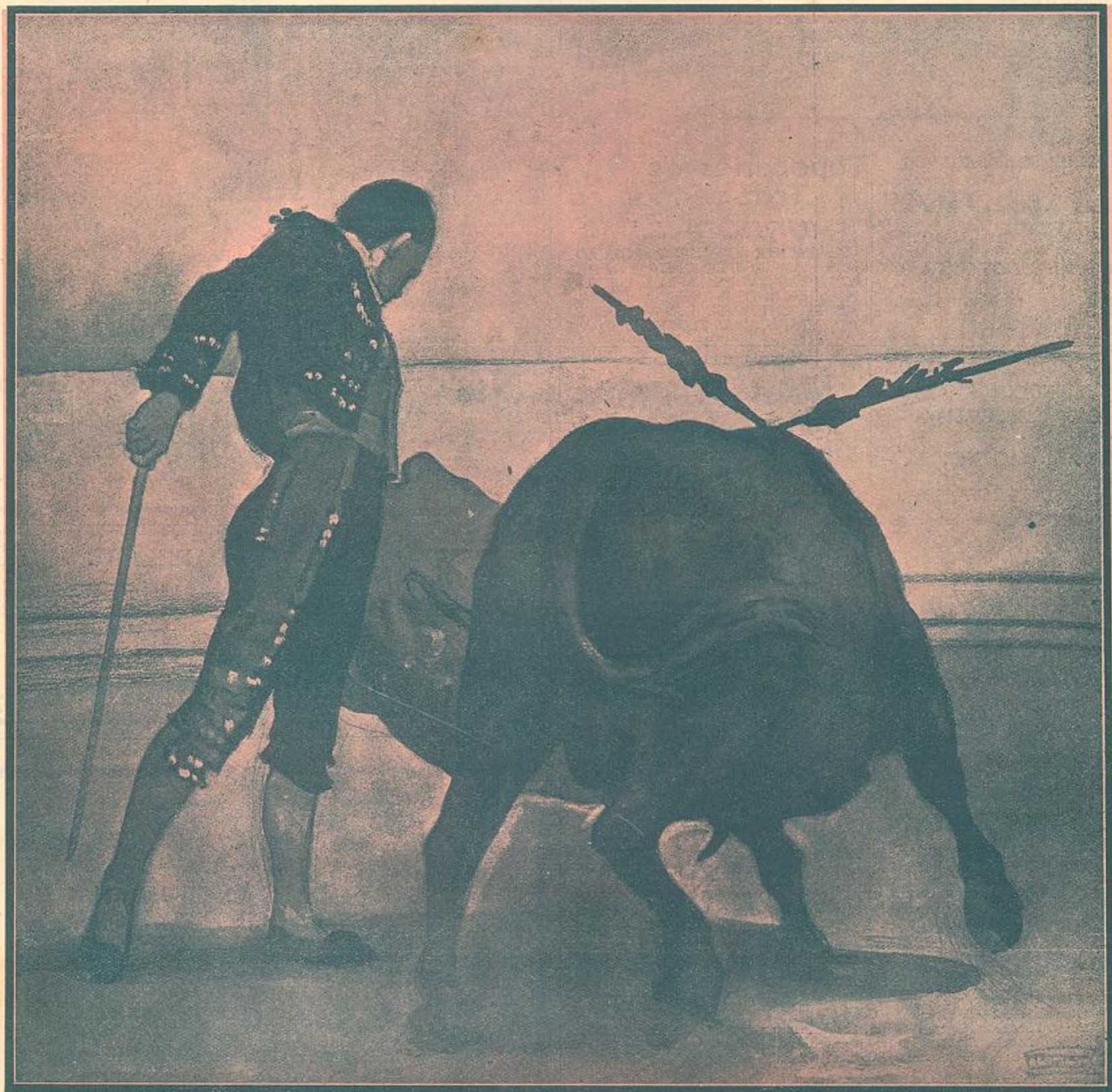
CONTINENTE E HESPAHHA  
ANO - 48 ESCUDOS -  
SEMESTRE - 24 ESC. -  
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS

COLONIAS  
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10  
ESTRANGEIRO  
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

## *ilustrado*

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA



### A abertura da epoca tauromaquica em Lisboa

O colossal "diestro" Ignacio de Sanchez Mejias que hoje actua no Campo Pequeno, marca com indiscutivel galhardia e valor a grandiosidade duma festa que é a plena afirmação da vitalidade duma raça.